

# Legado clássico no Renascimento e sua recepção:

contributos para a renovação  
do espaço cultural europeu

Nair de Nazaré Castro Soares,  
Cláudia Teixeira (Coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

**RETÓRICA E ENCONTRO DE CULTURAS: JESUÍTAS PORTUGUESES  
APRESENTAM O JAPÃO À CÚRIA ROMANA EM 1585**  
(Rhetoric and the Meeting of Cultures: Portuguese Jesuits Present Japan to  
the Roman Curia in 1585)

BELMIRO FERNANDES PEREIRA (bpereira@letras.up.pt)  
Universidade do Porto, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da  
Universidade de Coimbra

RESUMO – Já nos primeiros colégios da Companhia de Jesus o ensino da retórica adquirira posição de privilégio: só uma *eloquentia* moldada pelos preceitos e pela prática dos antigos permitiria progredir nos estudos e comunicar eficazmente em qualquer circunstância e lugar. Dessa experiência pedagógica resultou, como se sabe, a consagração de um completo programa de instrução retórica na versão definitiva da *Ratio Studiorum*. O desejo que no início do século animara Diogo de Teive a criar 50 bolsas de estudo no colégio parisiense de Santa Bárbara - formar teólogos para a evangelização dos territórios descobertos e conquistados - veio por fim a ser satisfeito quando D. João III entregou aos jesuítas em 1555 o Colégio das Artes de Coimbra. Se a finalidade apologética não está ausente da formação literária aí oferecida, as vantagens da preparação retórica já eram notadas nas cartas ânuas enviadas do Brasil e da Ásia pelos primeiros missionários jesuítas. Quatro príncipes japoneses, acompanhados por dois jesuítas, partiram de Nagasáqui em fevereiro de 1582 com destino a Roma, para prestarem obediência ao Papa. A *oratio oboedientialis*, dirigida a Gregório XIII, foi apresentada pelo P. Gaspar Gonçalves, experiente orador latino. Sobre a longa jornada dos aristocratas nipónicos, que durou oito anos, compôs Duarte de Sande, outro jesuíta, o *De missione legatorum Iaponensium*, um extraordinário livro de viagens que veio a lume em Macau em 1590 (vd. Américo da Costa Ramalho, Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores japoneses à Cúria Romana, Macau, Fundação Oriente, 1997). Será, pois, nesta perspetiva, da utilidade dos estudos retóricos para a evangelização e para o diálogo intercultural, que se analisará a *Oratio habita a Gaspare Consaluo Lusitano in Legatorum Iaponiorum introitu* (Roma, apud Franciscum Zanettum, 1585).

PALAVRAS-CHAVE – retórica, Jesuítas, Japão, *oratio oboedientialis*

ABSTRACT – In the very first colleges of the Society of Jesus the teaching of rhetoric acquired an important position: only through an eloquence informed by the precepts and practice of the ancients would study progress and communication be achieved in any circumstance or place. As is well known, this pedagogical experience resulted in the establishment of a complete programme of instruction in rhetoric in the final version of the *Ratio Studiorum*. The desire, which at the beginning of the century encouraged Diogo de Gouveia to create 50 study stipends at the Parisian Saint Barbara College (in order to educate theologians for the evangelization of the discovered and conquered territories), was finally satisfied when, in 1555, D. João III gave the Jesuits the Colégio das Artes in Coimbra. If the apologetic purpose was not absent from

the literary education on offer there, the advantages of preparation in rhetoric were already noted in the letters sent from Brazil and from Asia by the first Jesuit missionaries. Four Japanese princes, accompanied by two Jesuits, left Nagasaki for Rome in February 1582, in order to swear their allegiance to the Pope. The *oratio oboedientialis*, directed at Pope Gregory XIII, was presented by the experienced Latin orator Father Gaspar Gonçalves. Another Jesuit, Duarte de Sande, wrote an extraordinary travel book on the eight-year long journey of the Japanese aristocrats which appeared in Macao in 1590 (cf. Américo da Costa Ramalho, Duarte de Sande: *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores japoneses à Cúria Romana*, Macau, Fundação Oriente, 1997). It is from the perspective of the usefulness of the study of rhetoric for evangelization and for the intercultural dialogue that the *Oratio habita a Gaspare Consaluo Lusitano in Legatorum Japoniorum introitu* (Rome, apud Franciscum Zanettum, 1585) will be analysed.

KEYWORDS – rhetoric, Jesuits, Japan, *oratio oboedientialis*

A imagem que a Europa fazia do Japão, ainda na primeira metade do séc. XVI, era a de uma ilha enorme, algures, para lá da China, em local impreciso. Isolada do mundo, a fabulosa Cipango seria habitada por um povo estranho mas suficientemente poderoso para resistir aos Mongóis. Não admira que, durante quatro décadas, desde a chegada de Vasco da Gama à Índia até ao desembarque dos primeiros Namban em Tanegashima, apenas um autor europeu, Tomé Pires, se refira ao Japão moderno<sup>1</sup>. Na verdade, ao contrário do que sucedeu com os chineses, o contacto direto que leva ao reconhecimento mútuo de ambas as civilizações só acontece quando os primeiros portugueses chegam ao Japão em 1543<sup>2</sup>.

A partir de então multiplicam-se as referências ao arquipélago nipónico em todo o tipo de textos impressos. Depois de 1549, quando S. Francisco Xavier escreve de Cangoxima aos seus companheiros que estavam em Goa, nessa massa considerável de informação passam a destacar-se as cartas anuais remetidas pelos missionários jesuítas. A arte tipográfica desempenha doravante papel de primeiríssima importância, quer na difusão de notícias do Oriente, quer na propagação da fé cristã naquelas longínquas paragens. Embora o Cipango da fábula continue a figurar em textos geográficos anteriores, na segunda metade do séc. XVI o Japão histórico torna-se notícia em mais de 500 títulos publicados<sup>3</sup>.

Neste período, um acontecimento em particular marcou o encontro entre as duas civilizações. Em fevereiro de 1582 quatro príncipes japoneses partiram

---

<sup>1</sup> Cortesão 1978: 373-374; Cortesão 1990.

<sup>2</sup> Vide G. Schurhammer 1946: 7-112; Boxer 1951; Bourdon 1993; Carneiro - Matos 1994; Oliveira e Costa 1993; Oliveira e Costa 1999.

<sup>3</sup> Vide Luís Fróis, *Historia de Japam*, Lisboa, BNL, 1976-1984; *Cartas dos Jesuítas do Oriente e do Brasil, 1549-1551*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1993. Excluindo referências à fantástica Cipango, Oliveira e Costa apresenta um catálogo de 576 obras impressas entre 1551 e 1600 com notícias sobre o Japão. Vide Oliveira e Costa 2007: 43-107.

de Nagasáqui com destino a Roma, para prestarem obediência ao Papa em nome dos seus soberanos. A viagem foi cuidadosamente preparada e conduzida pela Companhia de Jesus. Os jovens aristocratas, acompanhados por um aio, o P. Nuno Rodrigues, e por um intérprete, o P. Diogo de Mesquita, chegaram a Roma em 1585. Logo a 23 de março foram recebidos pelo Papa Gregório XIII e pela Cúria Romana em Consistório público, facto que significou o seu reconhecimento como embaixadores oficiais. A cerimónia de obediência seguiu a praxe fixada desde o Cisma do Ocidente, acrescentando-lhe a pompa humanista habitual durante o período da Reforma e do Renascimento. Recitadas e entregues as cartas credenciais, a *oratio oboedientialis* foi pronunciada pelo P. Gaspar Gonçalves, respondendo-lhe em nome do Pontífice e do colégio cardinalício Antonio Buccapaduli, o humanista que desempenhava o cargo de Secretário dos Breves<sup>4</sup>.

Os *Acta Consistorii* que coligem todos estes textos foram imediatamente publicados e deram origem a uma vastíssima produção editorial<sup>5</sup>. Como mostrou Adriana Boscaro, é verdadeiramente impressionante o número de opúsculos e panfletos imprimidos em toda a Europa em diversas línguas, sobretudo em latim, italiano, francês, espanhol e alemão, a propósito do Japão e da receção da embaixada dos príncipes japoneses<sup>6</sup>.

O objetivo da missão era evidente para a Companhia de Jesus: dar a conhecer aos príncipes japoneses – e, no seu regresso, mostrar a todo o Japão – as riquezas da Europa, o poder da Igreja e a arte cristã; por outro lado, impressionar Filipe II, Gregório XIII e a Cúria Romana com a sofisticação da civilização japonesa e interessá-los na evangelização jesuítica do Japão, em curso desde 1549. Como se sabe, repete-o com grande ênfase a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, a imagem de pobreza dos jesuítas causava muita perplexidade aos japões a ponto de constituir empecilho à sua aceitação do cristianismo. Convinha, portanto, tirar o maior proveito, político e apostólico, do eco da viagem, agora amplificado pelo sucesso obtido em Roma. O aparato das entradas dos príncipes japoneses em várias cidades, cortes e colégios de Portugal, Espanha e Itália ficou registado não só em relações e folhetos impressos, mas também nas artes plásticas, como

---

<sup>4</sup> Buccapaduli sucedeu a Bembo e antecedeu Silvio Antoniano neste ofício que definia a arte epistolar da chancelaria pontifícia. Em 1572, pronunciou a *oratio de Summo Pontifice creando*, um discurso ciceroniano ornado de citações bíblicas, «concession caractéristique à une rhétorique des citations qui marque l' influence de la latinité tardive et de l'éloquence des Pères» (Fumaroli 2002: 163).

<sup>5</sup> *Acta Consistorii publice exhibiti a S. D. N. Gregorio Papa XIII regum Iaponiorum legatis*, Roma, apud Franciscum Zanettum, 1585. Estas e muitas outras espécies bibliográficas estão disponíveis no *Laures Rare Book Database Project & Virtual Library*, meritória iniciativa, da Library of Sophia University – Tokyo, que honra o P. Johannes Laures, S.J., historiador a quem a memória do Japão cristão muito deve. Vide <http://laures.cc.sophia.ac.jp/laures/html/index.html>

<sup>6</sup> A. Boscaro 1973.

parece confirmar recente descoberta de um minúsculo e sofisticado retrato do jovem embaixador Mâncio Ito, peça que uns atribuem a Jacopo Tintoretto e outros a Domenico Tintoretto<sup>7</sup>.

A edição da *Iaponiorum Regum Legatio*, feita simultaneamente em Roma, Bolonha e Cracóvia, e acrescentada de uma *brevis descriptio* do arquipélago nipónico, indica claramente a propagação que se desejava obter do acontecimento<sup>8</sup>. Boscaro reuniu 78 *cinquencentine* com descrições da receção oferecida pela corte pontifícia, informes sobre as missões no Japão e notícias dos movimentos dos embaixadores, sobre a partida dos príncipes de Lisboa em 1586 e sobre a sua chegada a Goa e Macau. A iniciativa da Companhia ganhou o favor do público. Setenta e oito edições quinhentistas desse tipo de folhetos atestam bem o enorme interesse que despertavam os sucessos missionários, o exotismo dos príncipes orientais, o seu grau de civilização. Para satisfazer a curiosidade dos leitores, alguns opúsculos até inseriam gravuras. Os *Avisi venuti novamente da Roma delli XXIII di Marzo MDLXXXV Dell' entrata nel publico Concistoro de due ambasciatori mandati da tre Re potenti del Giappone, conuertiti nuovamente alla santa fede christiana, a dar vbidienza a sua Santità* (Bologna, per Alessandro Bennaci, 1585), no último fólio mostram, numa ilustração de página inteira, um dos embaixadores japoneses ricamente ajaezado com vestes de seda<sup>9</sup>.

A legenda reza assim:

«Effigie, et habito di quei Indiani ariuati a Roma li 23. Marzo 1586.

Portano due veste longhe quella di sopra senza maniche, quella di sotto con maniche sopra spalla, et sopra petto a guisa di pacienza sin 'alta cintura, come portano i Certolini in cella, o di S. Francesco di Paula ma senza capuzzo, tutte da seta bianca, come ormesino sottile, ricamate di vani colori, a foiami e linee, con diucise figure di vcelli, et altri animali, e gioie all'Arabesca, capello di feltro berettino con treccia d' oro alla Spagnola, camiscia col collare crespo pur alla Spagnola, cintura di seta con l'arme attaccate, faccia venerāda, di colore Affricano, piccola statura, anni 18. in circa»<sup>10</sup>.

---

<sup>7</sup> Vide Massarella: <http://www.hakluyt.com/PDF/MancioPortrait.pdf>. Segundo Moran 1993:12, «a mural painting in the Vatican Library shows the Japanese legates in a procession at the coronation of Sixtus V; there are extant sketches of them by Urbano Monte, and Tintoretto, on the instructions of the Venetian senate, began a painting of the four, which has not been found and may not have been completed».

<sup>8</sup> *Iaponiorum Regum Legatio, Romae coram summo Pontifice, Gregorio XIII, 23 Martii habita, Anno 1585. Addita etiam est brevis in calce descriptio Insulae Iaponicae, Romae, apud Franciscum Zanetum, et Bononiae, apud Alexandrum Benatium, et Cracoviae, in officina Lazari, Anno Domini 1585.*

<sup>9</sup> A. Boscaro 1973: 43-46.

<sup>10</sup> Na tradução de Boscaro 1972: 43-46, «Portrait and clothes of those Indians who arrived in Rome on the 23rd of March 1585. They wear two long dresses, the outer one sleeveless, the inner one with sleeves, which go over the shoulders and the breast down to the belt, as the Carthusians or the friars of St. Francis of Paula use, but without hood, all in white silk,

Em maio de 1587 os embaixadores japoneses retornam a Goa e Martim, filho de um dos vassallos do *daimyo* de Omura, profere então uma *oratio* de agradecimento ao P. Valignano em que fala das maravilhas que tinham visto na Europa e da grande caridade que tinham recebido por parte da Igreja e dos Padres da Companhia<sup>11</sup>. O tempo passado com os jesuítas dá agora os seus frutos: o discurso, num latim ciceroniano a que não faltam símiles e *exempla, sententiae e chriae*, de teor clássico ou bíblico, terá sido composto, pelo menos em parte, pelo jovem japonês<sup>12</sup>. Basta compulsar a *Ratio Studiorum*, ou a quarta parte das *Constituições* de Santo Inácio, para se perceber a enorme importância que detinham, pela sua utilidade, a retórica e a prática da eloquência na formação oferecida pela Companhia. Os anos passados na longa viagem, conforme previsto, foram bem aproveitados para a formação humanística dos nobres japoneses.

Para a ação missionária dos jesuítas tanto quanto a arte oratória começava também a contribuir a arte da imprimeira; de facto, as duas artes cada vez mais se revelavam imprescindíveis no trabalho apostólico. Por isso, em 1584, o visitador Valignano escrevia ao P. Diogo Mesquita pedindo-lhe que trouxesse da Europa, «além das letras latinas, também matrizes da escritura silabárica do Japão». E assim foi. Não só a embaixada dos príncipes japoneses serviu para levar e difundir a imprensa de tipos móveis no Oriente como a *oratio* de Martim terá estreado, muito provavelmente, os novos prelos confiados a Constantino Dourado, o impressor japonês que participara na missão como servidor. Na bagagem traziam os embaixadores numerosas ofertas, vidros e cristal de Veneza,

---

embroidered in various colours with leaves and lines and drawings of birds and other animals; jewels in the Arabian fashion; a felt hat, a cap with the golden plait and a pleated-collared shirt, both in the Spaniard way; a silk belt holding a weapon; a venerable face, of the same colour as an African, short of stature, and roughly eighteen years of age». A título ilustrativo vejam-se estas portadas em diferentes línguas: *Gl'Ultimi Avisi del Giapone, Com l'arriu de' Signori Giaponesi nell'India, Riceuti il mese d'Ottobre. MDLXXXVIII, Bologna, per Alessandro Benacci, 1589. Advertissement de la Chine et Iapon, de l'an 1585. 86 et 87. Auec l'Arrivée et venue des Seigneurs Iaponnois aux Indes. Tirez des lettres de la Compagnie de Iesus. Receuz le moys d'Octobre 1588. Et traduit d'italien en François, sur la Copie Imprimée à Rome, Paris, chez Nicolas Niuelle, aux deux Collones, Rue S. Jacques, 1589. Historia del Reyno de Iapon y descripción de aquella tierra, y de algunas costumbres, ceremonias, y regimiento de aquel Reyno: Con la relacion de la venida de los embaxadores del Iapon a Roma, para dar la obediencia al Summo Pontífice, y todos los recibimientos que los Principes Christianos les hizieron por donde passaron, y de las cartas y presentes que dieron a su Magestad el Rey nuestro señor, y a los demas Principes. Con la muerte de Gregorio XIII y election de Sixto V y las cartas que dio su Sanctidad para los Reyes de aquel Reyno, hasta la partida de Lisboa, y mas seys cartas de la China y del Iapó, y de la llegada de los señores Iaponeses a Goa. Recopilada por el Doctor Buxeda de Leyua, Saragoça, en casa de Pedro Puig, 1591.*

<sup>11</sup> *Oratio habita a Fara D. Martino Iaponio, suo et sociorum nomine, cum ab Europa redirent, ad Patrem Alexandrum Valignanum Visitatorem Societatis Iesu, Goae in D. Pauli Collegio, pridie Non. Iunij, Anno Domini 1587, Goa, excudebat Constantinus Douratus Iaponius in aedibus Societatis Iesu, 1588.*

<sup>12</sup> G. Schurhammer 1956: 1-18.

armas de fogo, livros, muitos livros, mas mais importante, um parque tipográfico completo. Em breve servirá para imprimir a obra que deu eco duradouro àquele longo périplo de oito anos.

Com efeito, o *De Missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam Dialogus*, composto em latim pelo P. Duarte de Sande a partir do diário dos próprios embaixadores, veio a lume em Macau, na Casa da Companhia de Jesus, no ano de 1590. Foi este extraordinário livro de viagens o terceiro livro em caracteres móveis a sair das oficinas macaenses dos jesuítas<sup>13</sup>.

Desde a publicação da *Storia della Compagnia de Gesù* de Daniel Bartoli, no séc. XVII, alguns têm atribuído o *De missione* a Alexandre Valignano, visitador da Companhia de Jesus no Oriente. Costa Ramalho provou à saciedade que foi Duarte de Sande quem o redigiu, ainda que Valignano tenha impulsionado a iniciativa<sup>14</sup>.

As diferenças civilizacionais não deixam de ser vincadas ao longo do diálogo que o próprio padre Sande apresenta como instrumento de promoção do encontro de culturas. A respeito, por exemplo, do apodo *bárbaro*, discute-se um dos motivos de reparo para os japoneses, o repugnante hábito europeu de escarrar no chão. Dando voz aos ocidentalizantes o narrador Miguel sustenta: «não pensarás do mesmo modo, se tiveres em conta a sua maneira de sentar-se: porque se sentam em cadeiras, não fazem uso daquelas nossas coberturas de palha, mas dum soalho construído apenas de pedra. Daí que cuspir e escarrar no chão não lhes pareça impróprio, principalmente porque até nisso costumam ser cautelosos e circunspectos». Na réplica de Leão, uma das personagens do diálogo que não fez a viagem, ouvimos a reação japonesa: «parece-me que despistes inteiramente a natureza nipónica, para vestir à europeia, quando até a maneira de sentar tanto vos agrada». O *De missione* descreve Lisboa num colóquio e a propósito do convento de S. Domingos fala de Frei Luís de Granada, «conhecido em todo o mundo pela erudição dos seus livros e pelo vigor da sua oratória»; de Évora descreve Sande com desvelo a Universidade jesuítica; a Coimbra é dedicado também um colóquio pois ali se tinham formado os padres que agora estavam

---

<sup>13</sup> Costa Ramalho 1997; rep. 2009. Foi o terceiro livro a ser impresso na tipografia trazida da Europa e não o segundo como por vezes se tem escrito; veio a lume depois da *Oratio habita a Fara D. Martino Iaponio* (Goa, 1588) e da *Christiani Pueri Institutio, Adolescentiaeque perfugium: autore Joanne Bonifacio Societatis Iesu* (Macau, 1588). Vide Laures (ed.) 1957: 29-32.

<sup>14</sup> Na carta que antecede o diálogo Valignano diz expressamente que confiou ao Padre Sande o encargo de coligir as informações dos legados, de as ordenar e passar para latim; noutra epístola, endereçada ao Geral Acquaviva, Duarte de Sande afirma ser o autor da obra; nas licenças eclesiásticas figura um parecer de Valignano, estranho caso fosse ele o autor, onde começa por garantir que examinou o livro composto pelo padre Duarte de Sande; o lusitanismo da obra é evidente, ainda que tenha sido limado no índice por razões políticas. Vide Costa Ramalho 1999: 209-220. Não obstante, a tradição em favor de Valignano mantém-se forte. Vide Moran 1993; Cooper 2005; Massarella 2005: 329-350; Massarella (ed.) 2012; Massarella 2013: 1-12.

no Oriente. Descrevem-se os monumentos da cidade e, claro está, os Colégios da Companhia. O Colégio das Artes tinha, então, vinte professores e mais de dois mil alunos; os japoneses foram recebidos nas classes mais adiantadas de latim, e em latim assistiram a exibições literárias como a representação, durante sete horas seguidas, da tragédia *Ioannes Baptista* do jesuíta António de Abreu. Lino e Leão, personagens que não participaram na embaixada, pela prática que mantinham com os portugueses, não acreditavam no que os embaixadores diziam da Europa. O Japão quinhentista, dividido e inseguro, em permanentes guerras civis, o Japão que desrespeitava a velhice e aceitava a escravatura saía mal do confronto com a Europa que ouviam descrever<sup>15</sup>.

A cerimónia de obediência de 1585 descreve-a Duarte de Sande no colóquio XXII pela boca de Miguel: terminada a leitura das cartas dos 'reis', dos *daimyos*, de Bungo e Arima e do senhor de Omura, traduzidas para italiano pelo Padre Diogo de Mesquita, outro padre da Companhia, Gaspar Gonçalves, como costuma fazer-se em semelhantes atos, pronunciou uma oração elegantíssima sobre a chegada dos legados japoneses e suas causas, discurso depois impresso e lido por toda a gente, até no Japão onde chegou na bagagem dos embaixadores<sup>16</sup>.

Tendo ordenado a Congregação Geral que elegeu o P. Claudio Acquaviva a codificação dos estudos jesuíticos num sistema único, a partir de 1581 o quinto Geral impulsiona a elaboração de uma *Ratio Studiorum* para toda a Companhia. No início de 1583 Acquaviva designou uma segunda comissão *ad efficiendam formulam studiorum*. Dela faz parte Gaspar Gonçalves, professor de Sagrada Escritura em Évora. A este jesuíta português foi confiada a *oratio oboedientialis* na entrada dos embaixadores japoneses, decerto por causa da sua proficiência oratória, mas também por via do seu conhecimento do Oriente.

A primazia que logo o primeiro humanismo deu à função cerimonial do discurso e à sua vertente espetacular, já que os géneros judicial e deliberativo da retórica clássica se mostravam desadequados às modernas circunstâncias políticas, manifesta-se muito claramente neste novo uso que a linguagem diplomática faz dos preceitos da oratória demonstrativa. No caso das orações obedienciais apresentadas em Roma em nome de Portugal, sempre que mudava o rei ou o Papa, o género epidíctico servia para celebrar, em espírito de exaltação épica, o

---

<sup>15</sup> Corresponde o 'século cristão' da história do Japão (c. 1540-1630) ao curto período de abertura ao mundo que permite profundas mudanças políticas e culturais. Em 1576 havia no Japão 30 jesuítas, mas em 1584 o número subia já para 85, sendo 29 japoneses. O rápido sucesso da evangelização e de imediato o seu fracasso contribuíram para a reunificação do Japão, paradoxalmente pelas mesmas razões, pelo menos no entendimento dos seus protagonistas, Oda Nobunaga, Toyotomi Hideyoshi e Tokugawa Ieyasu. O Japão que os portugueses encontraram na década de 1540, *sengoku*, país em guerra, no fim do processo tinha-se transformado num Japão pacífico e centralizado, *sakoku*, num país fechado. Vide Elisonas 2008: 301-372.

<sup>16</sup> *Portugalliae Monumenta Neolatina*, vol. I, t. II, pp. 456-471.

ideário de cruzada, as conquistas e navegações dos portugueses, a propagação da fé cristã, a restauração da unidade do género humano, num latim ciceroniano que, evocando temas ou mitos antigos, não só emprega o ritmo oratório como recorre a frequentes citações bíblicas e clássicas<sup>17</sup>.

Para a representação externa do poder de reis e príncipes mostrava-se a oratória muito apropriada. Por isso, os discursos das cerimónias de obediência eram em geral confiados a reputados humanistas, como Rudolfo Agricola, Ermolao Barbaro, Joachim Camerarius, Giannozzo Manetti, Bartolomeo Scala, Poliziano ou Guillaume Caoursin. Alguns oradores até se especializaram nessa função; Piero Vettori, Bernardino de Carvajal, Aquiles Estaço, Tomé Correia proferiram várias orações obedienciais. Estes dois humanistas portugueses viviam em Roma e foram escolhidos para apresentarem a obediência do Grão-Mestre da Ordem de Malta, em 1566 e 1585<sup>18</sup>. A escolha do P. Gaspar Gonçalves não surpreende, portanto. Se por um lado ilustra o tipo de *imitatio ciceroniana* em vigor na época do Geral Acquaviva, refletindo a evolução deste género de oratória depois do Concílio tridentino, por outro decorre do interesse que o jesuíta manifestaria pelas coisas da China e do Japão, pois, como se sabe, foi Gaspar Gonçalves quem em outubro de 1582 acompanhou o P. Giovanni Pietro Maffei, historiador das missões jesuíticas no Oriente, na visita que ambos fizeram a Fernão Mendes Pinto no Pragal, em Almada.

Se, para público nipónico, o *Dialogus* do Padre Sande deprecia o Japão quando o compara com a Europa, a *oratio* do Padre Gonçalves, pelo contrário, dirigindo-se a ouvidos europeus, mostra o arquipélago do Sol nascente a uma luz extremamente favorável<sup>19</sup>.

De acordo com a praxe do exórdio, começa o orador por cativar a atenção e boa vontade dos espectadores com a menção das incríveis novidades de que irá tratar. As ilhas nipónicas estão tão distantes e são tão ténues as notícias que delas chegam, que parece difícil convencer alguém de que elas existem<sup>20</sup>. Mas existem

---

<sup>17</sup> Os discursos pronunciados nos sécs. XV a XVII em nome dos reis de Portugal na Cúria Romana estão em grande parte reunidos na colecção *Orações de obediência dos Reis de Portugal aos Sumos Pontífices*, ed. Albuquerque 1988; vide também Fernandes Pereira 1991: 47-75, e Mouren 2000: 121-154.

<sup>18</sup> *Oratio habita ab Achille Statio (...) ad Pium V (...) Illustrissimi F. Io. Valletae Magni Magistri ac totius Ordinis S. Io. Hierosolymitani nomine*, Roma, apud Bolanum de Accoltis, 1566; *Oratio habita ad Xystum V (...) nomine Magni Magistri Familiae Hospitalis S. Ioannis Baptistae a Thoma Corraea*, Roma, expensis Valerii Pasini, 1585.

<sup>19</sup> *Oratio nomine Legatorum Iaponiorum habita Romae*, Roma, apud Franciscum Zanettum, 1585 (Bibl. Angelica, Misc. D.5.2.4). Consta também dos *Acta Consistorii*, Roma, apud Franciscum Zanettum, 1585. Sobre o modo como no séc. XVI este encontro com a diferença do Outro cria finalmente uma consciência europeia, pela mera necessidade de autorreferência, vide Bugge 2000: 3-13.

<sup>20</sup> *Iaponiorum insulas, tanto locorum ac marium interuallo a nostris regionibus natura*

e em grande número e tamanho. E quem as viu e conhece as suas populosas cidades, as suas gentes tão cultas e industriosas, quem as pode comparar com as nossas e com outras daquelas paragens julgará que nada lhes falta, exceto a religião e a luz da verdadeira fé<sup>21</sup>.

Mas, passando ao louvor dos *beneficia Dei*, de regra nas *orationes* epidícticas, logo se torna claro o argumento principal: a evangelização já está em curso, apenas precisa de ser mais apoiada para que se colham frutos ainda mais prodigiosos. Começou, como na Igreja primitiva, *exiguo sane principio*, entre as populações mais humildes e depois, pouco a pouco, estendeu-se às classes mais nobres, para, como na parábola do grão de mostarda, por fim, no áureo pontificado de Gregório XIII, atingir reis e príncipes. A referência ao *felicissimo tuo ac plane aureo Pontificatu* sugere discretamente um tópico habitual nas orações de obediência, o regresso da idade do ouro, identificado com a reunião dos povos num só rebanho e num só pastor. Não faltam, pois, motivos de regozijo. Por um lado o incremento do *Christi optimi maximi grex*, graças aos esforços do Pontífice, compensa o detrimento provocado pela heresia, por outro se tais frutos da ação missionária antes eram conhecidos de outiva, agora com esta embaixada estão diante dos olhos de todos. O dever do orador epidíctico, recorde-se, consiste precisamente em dar a ver, *ante oculos ponere*, em pôr diante dos olhos as provas vívidas que sustentam a *laus*.

O campo semântico do inaudito, do inacreditável, do prodigioso fica marcado, portanto, ao longo do discurso pela reiteração das ideias de distância, de esforço, que frisam a autenticidade de uma obediência a todos os títulos singular. Aqueles que agora se apresentam para *obedientiam tibi ac fidem polliceri* provêm, repete o orador, *ex ultimis omnium terrarum finibus*, ensejo aproveitado para uma *syncrisis* que supõe os consabidos *topoi* do *taceat superata uetustas* e da *translatio imperii*<sup>22</sup>. Afortunada e próspera se julgou outrora Roma, sob César Augusto, por o nome e o prestígio do poder romano se terem propagado tanto que alguns povos da Índia lhe enviaram embaixadas com propostas de amizade. Acorria de toda a parte o povo para ver homens de raça estranha, rostos exóticos, vestes insólitas, para escutar linguagem inaudita. Mas comparem-se as duas embaixadas, a indiana e a

---

disiunxis, ut, tenuissimo nominis uestigio paucissimis ante cognitatis, cetera omnibus ignotas, nunc etiam nonnulli, ut esse credant, uix adduci posse uideantur, p. 7. A razão de ser do exórdio não é outra senão a de preparar o ouvinte, tornando-o benévolo, atento e dócil, cf. Quintiliano, *Institutio Oratoria*, 4.1.5

<sup>21</sup> Sunt tamen, Pater Beatissime, et sunt numero multae, magnitudine amplissimae, urbibus frequentes, hominum ingenii, ac militaribus studiis usque adeo praestantes, ut qui eas uiderunt, ceteris illius caeli regionibus longe antecellere, nostris uero ut comparari possint, nihil illis aliud quam religionem, qua carebant, ac uerae fidei lucem deesse credant, p. 7.

<sup>22</sup> O trânsito literário desta tópica no Renascimento é assaz conhecido. Vide Fernandes Pereira 2008: 93-101; James 1998: 151-176.

japonesa. Se aquela vinha de terras remotas, esta vem de terras muito mais longínquas. Para chegarem do Japão aos portos da China e de Macau a Malaca (*ad auream Chersonesum*), para passarem da Índia à Lusitânia e daqui a Roma, foram precisos três longos anos de viagem, por terra e por mar. Posto que o nome de Augusto fosse conhecido, na Índia nunca se tinham visto as insígnias ou as armas romanas; por isso, ofereciam os indianos amizade e não obediência, como aliados, «amicitiam a Romanis Indi ut socii flagitabant, non obedientiam offerebant». Desejavam uma aliança entre iguais não as normas de uma civilização superior. Pelo contrário, a embaixada japonesa, formada por jovens da mais alta estirpe, prostra-se aos pés do Pontífice não para lhe pedir a amizade entre iguais, *sed obedientiam ut subditos*, embora os mova amor filial. Assim se justifica o recurso a *exempla* da história antiga, servem para vincar a unidade do género humano, ideia corrente desde Santo Agostinho agora confirmada pelas navegações dos portugueses.

De outra comparação, de flagrante atualidade, sobretudo para um jesuíta, se socorre o orador. Gregório Magno, cujo zelo apostólico trouxe os povos da Grã-Bretanha à fé de Cristo, prefigura Gregório XIII. Se a cristianização da Inglaterra foi motivo de glória, grande tristeza causa hoje a sua defeção. A caracterização tipológica, à maneira bíblica, ou virgiliana, faz de Gregório XIII *alter Gregorius*, dando sentido teleológico à história da Igreja e à sua vocação universal. A embaixada japonesa traz a obediência de muitas ilhas como compensação da recente perda. E assim se justifica a acumulação de evocações bíblicas, o recurso à retórica das citações, traço característico da pregação dos anos pós-conciliares: «Populus quem non cognoui seruiuit mihi, in auditu auris obediuit mihi (*Psalms*, 17, 45); «Gentem quam nesciebas, uocabis; et gentes quae te non nouerunt, ad te current propter Deum tuum et sanctum Israel, qui glorificauit te» (*Isaias*, 55, 5); «Luce splendida fulgebis, et omnes fines terrae adorabunt te: nationes ad te uenient de longinquo et terram tuam in sanctificatione habebunt» (*Tobias*, 13, 13-14), «Maledicti erunt qui contempserint te et maledicti erunt omnes qui blasphemauerint te. Beati omnes qui diligunt te et qui gaudent super pace tua» (*Tobias*, 13, 16, 18). O fascínio pela *eloquentia* da *Sacra pagina* parecerá natural num jesuíta que foi durante anos mestre de Escritura em Évora, mas corresponde também a uma voga que, como notou Fumaroli, estava a ganhar muitos adeptos<sup>23</sup>. Na verdade o P. Gaspar Gonçalves entende estas abonações bíblicas como uma digressão e, por isso, logo volta ao assunto para de novo frisar a condição régia, o amor entranhado e a fé dos jovens embaixadores com *exempla* colhidos em S. Jerónimo.

<sup>23</sup> Quanto à alegada rudeza ou deselegância da Escritura, Santo Agostinho, uma autoridade maior para a retórica eclesiástica pós-tridentina, observara que a eloquência dos textos bíblicos, embora de natureza diferente, é tão eficaz quanto a eloquência profana porque perfeitamente adequada ao seu fim (*DDC* 4.6.9-10).

Certo filósofo, movido por uma *insignem discendi cupiditatem*, atravessou o Cáucaso, avançou pela terra dos Citas, dos Albanos e dos Massagetas, penetrou na Índia, para ouvir Hiarcas, sentado num trono de ouro, dissertar sobre a natureza, o movimento dos astros, o curso dos dias (Hieronymus, *Epist.*, 53)<sup>24</sup>. Ora muito maior foi a *peregrinatio* dos príncipes nipónicos e muito maior será o seu proveito: aprendem não com um mestre mas com muitos, veem não um Hiarcas qualquer em trono de ouro, mas outro Gregório no sólio de Pedro, ficam a conhecer não as órbitas dos corpos celestes, mas sim a fé e obras que conduzem ao céu. Conclui o P. Gonçalves a breve *narratio* com a apresentação dos ‘reis’ japoneses, distinguindo Francisco, pelo apoio que prestou a Francisco Xavier e a todos os missionários jesuítas que se lhe seguiram.

Por fim vem a *peroratio*, que, como é de regra, cumpre duas funções, enquanto *indignatio* contrapõe à heresia que campeia na Europa o acrisolado amor dos príncipes japoneses à Igreja, enquanto *recapitulatio* encaminha o discurso ao motivo da cerimónia, a ação do pastor universal já não se circunscreve ao mundo conhecido, passou os confins da Índia, da Malásia e da China, chegou mais além, até às últimas plagas das ilhas do Japão<sup>25</sup>.

Juntando uma discreta evocação ciceroniana (*Pro Archia*,<sup>23</sup>) e uma citação explícita de Virgílio, conclui Gaspar Gonçalves o seu discurso com um tópico habitual nas *orationes oboedientiales*, com a evocação do mito da idade do ouro. Não recorre, porém, à costumada citação bíblica, mas a uma autoridade menos comum neste tipo de oratória. Os príncipes japoneses em toda a parte foram recebidos como os três reis magos do Oriente ou como os reis de Társis e de Sabá. Muito de acordo com o ciceronianismo reformado vigente no generalato do P. Acquaviva, Gonçalves evita essa obviedade<sup>26</sup>. Em vez do habitual Salmo 71, 8-11 (*et dominabitur a mari usque ad mare, et a flumine usque ad terminos orbis terrarum*) prefere o orador evocar um verso do canto VI da *Eneida*, o passo em

---

<sup>24</sup> A carta de S. Jerónimo a Paulino foi muito glosada no séc. XVI; esta *narratio* encontra-se, por exemplo, em Antonio de Guevara (*Menosprecio de corte y alabanza de aldea*, cap. I) e em Frei Luís de Granada (*Guía de pecadores*, I, cap. XIV).

<sup>25</sup> «Tua uero beneficentia, Pater Beatissime, cum singulari religionis studio coniuncta, non huius tantum urbis moenibus includi, non Italiae finibus circumscribi, non Germaniae, Bohemiae, Vngariae, Poloniae, non Syriae, non Graeciae, non Dalmatiae terminis contineri potuit, quibus omnibus in locis, partim seminariis extractis, quasi munitissimis fidei arcibus, partim aliis beneficiis immortalia tuae liberalitatis ac religionis monumenta posuisti, sed longius etiam proeucta et *extra anni* quodammodo *solisque uias*, ut ait ille, hoc est, ultra Indorum, Brachmanum ac Sinarum terminos ad ultimas Iaponensium oras ac fines peruenit», p. 16.

<sup>26</sup> Se as controvérsias retóricas do Renascimento não podem ser reduzidas a mero epifenómeno literário e cultural, muitas consequências haverá que retirar de querelas como o ciceronianismo. Num livro ainda recente, R. A. Maryks explora esta possibilidade, procurando relacionar o probabilismo jesuítico do séc. XVII com a ortodoxia ciceroniana que vigorava nos colégios da Companhia. Vide Fernandes Pereira 2012; e Maryks 2008.

que Anquises apresenta o cortejo dos futuros heróis de Roma: *extra anni solisque uias* ‘fora do percurso anual do sol’ (*Aen.* 6. 796). A alusão ao tópico da crença no regresso da idade do ouro reforça-se assim com um trecho que se adequa perfeitamente à obediência prestada por embaixadores provenientes *ex ultimis omnium terrarum finibus*<sup>27</sup>.

---

<sup>27</sup> Citam o Salmo 71, 8-11 Vasco Fernandes de Lucena na *oratio* proferida em 1485, Fernando de Almeida na obediência prestada a Alexandre VI, Diogo Pacheco, em 1514, diante do papa Leão X. O canto VI da *Eneida* é evocado também por Aquiles Estaço na *oratio* dirigida a Gregório XIII em 1574.

## BIBLIOGRAFIA

- Albuquerque, M. ed. (1988), *Orações de obediência dos Reis de Portugal aos Sumos Pontífices*. Lisboa.
- Boscaro, A. (1973), *Sixteenth-Century European Printed Works on the First Japanese Mission to Europe*. Leiden.
- Boxer, C. R. (1951), *The Christian Century in Japan, 1549-1650*. Berkeley.
- Bugge, Peter (2000), “Asia and the Idea of Europe - Europe and its Others”, *Kontur* 1: 3-13.
- Carneiro R. - Matos, A. T. eds. (1994), *O Século Cristão do Japão*. Lisboa.
- Cooper, M. (2005), *The Japanese Mission to Europe, 1582-1590: the Journey of Four Samurai Boys through Portugal, Spain and Italy*. Folkestone.
- Cortesão, Armando (1978), *A Suma Oriental de Tomé Pires*. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis.
- Cortesão, Armando (1990), *The Suma Oriental of Tomé Pires, 1512-1515*. Ottawa.
- Costa Ramalho, A. (1997), Duarte de Sande, S.J.: *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores japoneses à Cúria Romana*, Macau, Fundação Oriente. Rep. (2009) in *Portugaliae Monumenta Neolatina*, vol. I, t. I-II. Coimbra.
- Costa Ramalho, A. (1999), *Para a História do Humanismo em Portugal (III)*. Lisboa.
- Elisonas, Jurgis (2008), “Christianity and the daimyo”, in John Whitney Hall (ed.), *The Cambridge History of Japan*, vol. 4. Cambridge.
- Fernandes Pereira, Belmiro (1991), *As orações de obediência de Aquiles Estaço*. Coimbra.
- Fernandes Pereira, Belmiro (2008), “Antigos e Modernos: o humanismo norteyuropeu nas retóricas peninsulares do séc. XVI”, *Península* 5: 93-101.
- Fernandes Pereira, Belmiro (2012), *Retórica e Eloquência em Portugal na época do Renascimento*. Lisboa.
- Fumaroli, M. (2002), *L'âge de l'éloquence*. Genève.
- James, P. (1998), “Taceat superata uetustas: Living legends in Claudian’s *In Rufinum*1”, in M. Whitby ed. *The Propaganda of Power: The Role of panegyric in Late Antiquity*. Leiden.
- L. Bourdon, L. (1993), *La Compagnie de Jésus et le Japon. 1547-1570*. Paris.
- Laures, Johannes ed. (1957, 3ª ed), *Kirishitan Bunko: A Manual of Books and Documents on the Early Christian Mission in Japan*. Tóquio.
- Maryks, R. A. (2008), *Saint Cicero and the Jesuits: the Influence of the Liberal Arts on the Adoption of Moral Probabilism*. Ashgate.

- Massarella, D. ed. (2012), *Japanese Travellers in Sixteenth Century Europe: A Dialogue Concerning the Mission of the Japanese Ambassadors to the Roman Curia (1590)*. London.
- Massarella, D. (2013), «The Japanese Embassy to Europe (1582-1590)», *The Journal of the Hakluyt Society* : 1-12.
- Massarella, D. (2005), “Envoys and Illusions: the Japanese Embassy to Europe, 1582-90”, *Journal of the Royal Asiatic Society* 15: 329-350.
- Moran, J. F. (1993), *The Japanese and the Jesuits: Alessandro Valignano in sixteenth-century Japan*. London.
- Mouren, Raphaële (2000), “La rhétorique antique au service de la diplomatie moderne: Piero Vettori et l’ambassade florentine au pape Jules III (1550)”, *Journal de la Renaissance* 1: 121-154.
- Oliveira e Costa, J. P. (1993), *Portugal e o Japão, o Século Namban*. Lisboa.
- Oliveira e Costa, J. P. (1999), *O Japão e o cristianismo no século XVI*. Lisboa.
- Oliveira e Costa, J. P. (2007), “Japan and the Japanese in Printed Works in Europe in the Sixteenth Century”, *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies* 14: 43-107.
- Schurhammer, G. (1946), “O descobrimento do Japão pelos portugueses no ano de 1543”, *Anais da Academia Portuguesa de História* 1: 7-112.
- Schurhammer, G. (1956), “Uma obra raríssima impressa em Goa no ano de 1588: a *Oratio habita a Fara D. Martino*”, *Boletim do Instituto Vasco da Gama* 73: 1-18.